

Revolução Federalista: uma sangrenta experiência no nascidoiro da República

Carlos Roberto Carvalho Daróz ^a

Resumo: A Revolução Federalista foi um conflito armado que ocorreu no Brasil entre os anos de 1893 e 1895, durante a Primeira República. Ela teve como principais cenários os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A revolta foi motivada por uma série de descontentamentos com o governo republicano recém-estabelecido. Os federalistas, liderados por Gaspar Silveira Martins, eram contrários ao centralismo e defendiam a autonomia dos estados em relação ao governo central. Do outro lado, os republicanos, liderados pelo presidente Floriano Peixoto, buscavam manter a unidade do país sob o novo regime. A revolução foi marcada por batalhas ferozes e derramamento de sangue. A luta teve impactos profundos na sociedade e na economia das regiões envolvidas. A Revolução Federalista é um marco importante na história do Brasil, pois evidencia as tensões e os conflitos que permearam o período inicial da Primeira República, influenciando as dinâmicas políticas e sociais que moldariam o país nas décadas seguintes. **Palavras-chave:** Revolução Federalista, Primeira República, garantia da lei e da ordem.

INTRODUÇÃO

A proclamação da República em 15 de novembro de 1889 não assegurou uma mudança sem sobressaltos do Império brasileiro

para a nova forma de governo. A transição foi marcada por movimentos político-sociais-militares de contestação à República, ocorridos, principalmente, no final do século XIX e início do século XX, durante

^a Coronel de Artilharia, doutor em História. Associado titular emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



o período conhecido como a Primeira República (1889-1930). Entre eles, podemos destacar a Revolução Federalista, as duas Revoltas da Armada, a Guerra de Canudos, a revolta da Vacina, e os movimentos tenentistas, entre outros.

Em todas as oportunidades, o Exército Brasileiro foi chamado para intervir em favor da estabilidade do país e da manutenção da lei e da ordem, em consonância com sua missão constitucional.

O presente estudo tem como propósito analisar a importância da Revolução Federalista, deflagrada no Sul do Brasil, como um dos primeiros movimentos de contestação à república, com características de guerra civil. Também é objeto da investigação a atuação do exército na manutenção da lei e da ordem, bem como a integridade política e territorial do Brasil nos primórdios de sua experiência republicana.

UMA GUERRA NO SUL DO PAÍS

A Revolução Federalista foi um conflito que eclodiu na região Sul do Brasil entre 1893 e 1895, a qual evidenciou a divisão entre os republicanos, ou seja, entre aqueles que defendiam maior poder do presidente da república recém-instituída, e aqueles que a descentralização do poder, com maior autonomia dos estados.

Além disso, o Exército e da Marinha também competiam por maior influência no governo republicano. O conflito foi caracterizado pela violência e brutalidade extremas, e foi reprimido por tropas leais a Floriano Peixoto, que se tornou o "Marechal de Ferro" e consolidou enérgica e violentamente a república no Brasil.

Logo no início do que seria o primeiro governo constitucional da República, as divergências entre o Presidente e o Congresso levaram Deodoro a dissolvê-lo por decreto, seguido de um manifesto à nação em que explicou seu gesto. Apesar de adesões recebidas, a reação foi



imediate e, no campo militar, o contra-almirante Custódio de Melo se apossou de alguns navios da esquadra e, com um tiro de advertência contra a torre da Igreja da Candelária, exigiu a deposição de Deodoro. Reuniões se sucederam, algumas providências foram tomadas na Marinha, mas Deodoro renunciou, e Floriano Peixoto assumiu a presidência em 23 de novembro de 1891.

Frota descreveu da seguinte maneira a chegada de Floriano à presidência da República:

Chamado Floriano Peixoto, a este foi entregue a chefia da Nação nesse mesmo dia 23. O vice-presidente era um chefe nato, impávido, calmo; impunha a sua vontade pela frieza; confiava, desconfiando. Sua personalidade, cativante para uns, desagradável para outros, continua sendo um enigma para a história, na qual conquistou o epíteto de Consolidador. Estavam reservados para ele dias tumultuosos. Entendeu o vice-presidente que podia governar até o fim do mandato, apesar de ser claro que devia convocar novas eleições, segundo o Artigo 42 da Constituição, pois não

havam decorrido dois anos de mandato. Escorava sua atitude no texto do parágrafo 2º do Artigo 1º das Disposições Transitórias, o qual dava margem a dúbia interpretação. Empolgou-se a opinião pública: formaram-se partidos, discutia-se nos clubes, salões, esquinas. O Congresso aprovava a conduta do Executivo¹.

Apesar dos ideais republicanos terem sofrido um período de maturação no fim do Segundo Reinado, após 1889 o Brasil não se encontrava plenamente preparado para a prática do regime republicano federativo. A fragilidade e o caráter heterogêneo das forças republicanas possibilitaram o surgimento de grupos oposicionistas que, efetivamente, lançaram-se ao conflito para fazerem valer suas reivindicações contra o governo central. A Revolução Federalista desenvolveu-se no sul do Brasil pouco depois da Proclamação da República, e foi um dos primeiros desafios ao regime republicano, recém-instalado no país.

Grupos políticos antagonistas empenharam-se em disputas san-



grentas, as quais acabaram por desencadear uma guerra civil que durou 31 meses, de fevereiro de 1893 a agosto de 1895. Durante a Revolução Federalista, foram realizadas operações militares de vulto, com o emprego de forças irregulares. Envolvendo os três estados da Região Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina – a revolução contou com o apoio dos revoltosos da Armada, e prolongou-se por três anos, cessando sem que as diferenças ideológicas e o ódio entre os grupos antagônicos arrefecessem.

Contrariando a crença geral de que o povo brasileiro possui temperamento pacífico e é avesso à violência, a Revolução Federalista foi, sem dúvida, o episódio militar interno mais sangrento na História do Brasil, caracterizando-se pela completa ausência de cavalheirismo no campo de batalha e pela extrema violência e crueldade.

OS GRUPOS POLÍTICOS ENVOLVIDOS: MARAGATOS E PICA-PAUS

O cenário político do Rio Grande do Sul dividia-se em dois grupos majoritários que concentravam visões de mundo distintas: os ditos federalistas e “pica-paus”.

Integravam as tropas federalistas sul-rio-grandenses uruguaios provenientes do departamento de San José, que foi povoado por espanhóis oriundos de *Maragataria*. A *Maragataria* era uma comarca espanhola situada na zona central da província de León, na comunidade autônoma de Castilla y León. Seus habitantes eram chamados de maragatos e foram responsáveis pela colonização de zonas da Argentina (região de Viedma) e do Uruguai (San José de Mayo). Por estes motivos, os habitantes destas áreas do Cone Sul também passaram a ser denominados maragatos². Os republicanos passaram a chamar os federalistas de “maragatos” como se fossem estrangeiros, na tentativa de excluí-los do processo político no novo



regime então introduzido. Atribuir o apelido aos revolucionários, no entanto, possibilitou que eles ganhassem simpatia – os próprios rebeldes passaram a se denominar maragatos –, e, em 1896, chegou a circular um jornal que levava esse nome³. Os maragatos adotaram o lenço vermelho como símbolo de sua facção política.

Em sentido oposto, eram chamados de “pica-paus” os opositores dos maragatos no Rio Grande do Sul. O motivo da alcunha procedia dos chapéus usados pelos militares que apoiavam essa facção, os quais possuíam uma faixa branca que, segundo os revolucionários, eram semelhantes a um tipo de pica-pau, espécie de ave recorrente na região Sul do Brasil⁴.

O Partido Republicano Rio-grandense (PRR) era minoria por ocasião da proclamação da República, e somente chegou ao poder devido às mudanças na política nacional. Adepto do presidencialismo e com forte influência positivista, sob a liderança de Júlio de Castilhos, o partido defendia um governo estadual forte e centraliza-

do no poder executivo, tendo, em contrapartida, uma ampla autonomia dos estados. Com base em Augusto Comte, o PRR defendia o princípio de que cada estado era uma “pequena pátria”⁵. Sua base social era a elite recente do Rio Grande do Sul, estabelecida principalmente no litoral e na serra gaúcha.

Fig. 1 – Gaspar Silveira Martins, líder do Partido Federalista



Fonte: Wikimedia-Wikicommons.

Do outro lado, encontrava-se o Partido Federalista, fundado em 1892 por Gaspar Silveira Martins (Fig. 1). Em tese, o partido defen-



dia o sistema parlamentar de governo e a revisão da Constituição, pretendendo o fortalecimento do Brasil como União Federativa⁶. Para os federalistas, o governo federal deveria ser democratizado, possibilitando acesso às oligarquias regionais, o que seria possível em um governo colegiado parlamentarista. Este grupo tinha origem nos liberais do período monárquico, e sua base social provinha dos grandes estancieiros da campanha gaúcha.

IRROMPE O MOVIMENTO

Entre os fatores que contribuíram para a eclosão do movimento, destaca-se o ideológico, opondo o positivismo republicano ao liberalismo dos federalistas. A eleição de Júlio de Castilhos para a presidência do estado evidentemente acirrou os ânimos entre os maragatos, que se rebelaram e pegaram em armas⁷. A instabilidade política chegou a um ponto insustentável e, para os federalistas, era preciso

libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio de Castilhos.

Em janeiro de 1893, formou-se a União Nacional Federalista, aglutinando grupos oposicionistas diversos, sob a liderança do general João Nunes da Silva Tavares, o “Joca Tavares”, Barão de Itaqui (Fig. 2), mentor do federalismo no campo militar⁸. Juraram lutar contra adeptos de Júlio de Castilhos. Aos federalistas, juntaram-se Gaspar da Silveira Martins e o general Gumercindo Saraiva (Fig. 3).

A União Federalista possuía reivindicações nos âmbitos nacional e estadual:

- Em nível nacional, reclamava a instituição, na República, do sistema de governo parlamentar que havia vigorado na monarquia;

- no plano estadual, defendia o retorno de um governo representativo, com a eliminação do autoritarismo castilhista. Planejava proibir a reeleição do governante, instituir uma câmara legislativa, e não simplesmente autoritária. Visava, ainda, dar autonomia aos municípios.



No dia 2 de fevereiro de 1893, os federalistas partiram abertamente para o confronto armado.

mercindo Saraiva, alcunhado de “Leão dos Pampas”, e integrado por três mil homens, aproximada-

Fig. 2 e 3 – Lideranças militares maragatas:
Gen Joca Tavares (esq.) e Gen Gumercindo Tavares



Fonte: Wikimedia-Wikicommons.

PRIMEIRA INVASÃO FEDERALISTA

Com quatrocentos homens reunidos no Uruguai, o caudilho Gumercindo Saraiva entrou em solo gaúcho em fevereiro de 1893, logo após a posse de Júlio de Castilhos como presidente do estado. Tais forças juntaram-se às do General Joca Tavares, formando, no Rio Grande do Sul, o Exército Libertador, comandado por Gu-

mente⁹.

Diante da inflamação da revolta, preocupado com a gravidade da situação política no Rio Grande do Sul e temendo pela estabilidade do próprio regime republicano, o Presidente da República, marechal Floriano Peixoto, enviou tropas federais, sob o comando do General Hipólito Ribeiro, para socorrer Júlio de Castilho¹⁰.

As forças republicanas consistiam nas tropas regulares do Exér-



cito, Brigada Militar, voluntários civis e corpos de patriotas. Para dar combate aos maragatos federalistas, foram organizadas três divisões: a do norte, a da capital e a do centro.

Imediatamente após a invasão, as tropas de Gumerindo Saraiva se incorporaram à divisão do General Joca Tavares, que iniciou uma marcha em direção a Santana do Livramento – o primeiro objetivo dos federalistas. No percurso, atacaram e ocuparam a cidade de Dom Pedrito. Outras tropas também marcharam sobre Santana do Livramento, mas falharam na tentativa de conquistar a cidade. De Dom Pedrito, os federalistas iniciaram uma série de ataques relâmpagos contra vários pontos do estado, visando à desestabilização de posições em poder dos legalistas.

Em Uruguaiana, o senador José Pinheiro Machado, que havia deixado a sua cadeira no Senado Federal para juntar-se às forças republicanas¹¹, estruturava uma brigada mista para combater os rebeldes. Gumerindo Saraiva, ao tomar ciência de tais preparativos,

decidiu cercar a cidade a fim de neutralizar a brigada. Mas, socorrida pela Divisão Norte, Uruguaiana foi preservada.

A primeira derrota significativa dos maragatos foi em maio de 1893, junto ao arroio Inhanduí, em Alegrete, quando suas forças foram repelidas pela Divisão Norte, liderada pelo general Frederico Rodrigues Lima e pelo senador Pinheiro Machado. Embora não tenha produzido resultado conclusivo, de acordo com Donato¹² o violento combate demonstrou a incapacidade dos federalistas em obter a vitória no campo militar. Como resultado imediato, a coluna liderada por Gumerindo Saraiva, constituída por cerca de 1.100 homens, permaneceu no Brasil, enquanto os demais revolucionários internaram-se no Uruguai.

SEGUNDA INVASÃO FEDERALISTA

Em 17 de agosto de 1893, na região das Missões, teve início a segunda invasão federalista ao



território brasileiro. Quando se encontrava em Cerro do Vacangúá, em setembro do mesmo ano, Gumercindo Saraiva tomou conhecimento da revolta da Armada no Rio de Janeiro. Animado por mais uma força que se levantava contra o governo de Floriano Peixoto e julgando equivocadamente que todas as unidades da Armada se tornariam automaticamente aliadas dos federalistas, buscou estabelecer contato com as que estivessem mais próximo. Nesse sentido, atravessou o Rio Ibicuí no Passo da Liberdade e atacou Itaqui, com a intenção de juntar-se com os navios da Flotilha do Alto Uruguai lá estacionados. No entanto, de acordo com Donato¹³, as embarcações da Marinha acolheram o contingente governista local e, como consequência, Gumercindo retomou sua marcha para o norte.

Em novembro de 1893, liderados pelo general Joca Tavares, cerca de 3 mil federalistas atacaram Bagé, cercando um efetivo do Exército Brasileiro e provocando o abandono da cidade, por uma população estimada em 20 mil pesso-

as. Sob o comando do coronel Carlos Maria da Silva Telles, os republicanos estabeleceram trincheiras na Praça da Matriz, e resistiram ao cerco por 47 dias. A notícia de que duas colunas do Exército se aproximavam de Bagé para socorrer os republicanos fez com que os federalistas se retirassem¹⁴.

Os federalistas ocuparam as chácaras do subúrbio da cidade, o Teatro 28 de Setembro, a Beneficência Italiana, o Mercado Público e até os quartéis da cidade, que ficaram sob controle dos maragatos. A exceção foi a praça da Matriz, onde o coronel Carlos Telles manteve a posição, no auge do conflito¹⁵.

Motivados com a Revolta da Armada, os maragatos decidiram avançar para o norte, em direção a Santa Catarina e Paraná, de onde poderiam investir, futuramente, contra a capital federal. Para tal, contaram com o apoio do almirante Custódio de Melo, líder do movimento rebelde na Marinha, que conquistou as cidades de Desterro, atual Florianópolis, e Curitiba. No comando geral das forças federalis-



tas estava o general Gumercindo Saraiva que, em Curitiba, encontrou-se com Custódio de Melo¹⁶.

Ciente da movimentação federalista em direção ao norte, o Governo Federal designou, no início do ano de 1894, o coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro para bloquear o avanço dos revoltosos. Mesmo consciente da inferioridade numérica de suas tropas, o coronel Gomes Carneiro foi ao encontro dos adversários, conseguindo detê-los na cidade da Lapa (Fig. 4), a sessenta quilômetros a sudoeste de Curitiba, onde protagonizou, com sua tropa, um dos mais heroicos episódios da História Militar do Brasil.

O CERCO DA LAPA

Os federalistas já haviam tomado Florianópolis, que ficou sendo a capital da República Federalista. A tropa federal, apoiada por unidades policiais paranaenses, rumou para o campo da luta, seguindo pela Lapa e alcançando o Rio Negro. Nessa mesma ocasião,

chegou a notícia de que os federalistas avançavam pela estrada da com cerca de 3 mil homens. Em 19 de novembro, os federalistas tentaram tomar a passagem do Rio Negro, mas foram repelidos.

No dia 21, um piquete de cavalaria do Regimento de Segurança do Paraná, sob o comando do capitão Custódio Rollemberg, teve destacada atuação ao travar violentos combates com as forças revolucionárias. Como continuava cerrado o fogo de artilharia em Rio Negro, o general Argolo, comandante das forças federais na região, decidiu retirar-se para a linha do Rio da Várzea e seguir para a cidade da Lapa, que seria o ponto de concentração das tropas legalistas. No Rio da Várzea encontraram a ponte destruída pelos revolucionários, mas a mesma foi reconstruída rapidamente pelo engenheiro Hercílio Luz¹⁷.

No dia 23 de novembro de 1893, o general Argolo com sua coluna chegou à Lapa, onde foi substituído pelo coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro, e o comando de todas as operações foi



entregue ao general Antônio José Maria Pego Júnior. Carneiro assumiu o seu posto e ordenou a resistência a todo o custo. Seu efetivo era de mais ou menos 900 homens, incluindo 11 oficiais e 174 praças do Regimento de Segurança do Paraná¹⁸.

Fig. 4 – O coronel Ernesto Gomes Carneiro liderou a resistência na Lapa. Pagou com a vida, mas permitiu a contenção da Revolução Federalista.



Fonte: Exército Brasileiro

Em meados de janeiro de 1894, os comandantes maragatos Torquato Severo e José Serafim de Castilhos, o “Juca Tigre”, iniciaram operações de cerco contra

Lapa. A cidade havia sido fortificada pelo coronel Gomes Carneiro, que tinha ordens de impedir a qualquer custo a progressão dos federalistas em direção a São Paulo e ao Rio de Janeiro. No dia 17, os federalistas realizaram um ataque coordenado contra o perímetro defensivo da cidade, investindo contra diversas posições simultaneamente.

Nas posições denominadas Engenho e Cemitério, uma bateria conseguiu rechaçar o ataque, resultando em dez federalistas mortos. No dia seguinte, no entanto, a artilharia dos maragatos empenhou-se em bater essas duas posições¹⁹.

No dia 26, os revoltosos conseguiram conquistar dois objetivos importantes no centro da cidade. Desalojaram os legalistas que defendiam a Rua das Tropas e o Alto da Lapa. Nesses locais, os maragatos instalaram metralhadoras em posições que podiam dominar as ruas centrais da cidade. Em outro local, conseguiram aprisionar a maior parte da cavalaria dos sitiados, cerca de 650 animais, deixan-



do-os sem meios de transporte para a munição, alimentação e artilharia.

Um novo ataque federalista, desta vez realizando um duplo envolvimento contra o já castigado centro da cidade, foi realizado em 7 de fevereiro. Na ocasião, o coronel Gomes Carneiro foi gravemente ferido quando orientava a defesa de uma das posições de artilharia. Em seu lugar assumiu a defesa de Lapa o civil Joaquim Lacerda, o qual conseguiu repelir o ataque. O insucesso do avanço esmoreceu o ímpeto dos maragatos que, depois de dez horas de combate, tiveram cinquenta e quatro mortos. Donato²⁰ assinalou que o coronel Gomes Carneiro morreu dois dias depois, ainda emitindo ordens e recomendando a seus homens a continuação da resistência.

A batalha deu ao marechal Floriano Peixoto, Presidente da República, tempo suficiente para reunir forças e posicioná-las no corte do Rio Itararé, detendo as tropas federalistas. Ao todo, pouco mais de seiscentos homens, entre forças regulares e civis voluntários, lutando durante vinte e seis dias

contra as forças revolucionárias formadas por mais de três mil combatentes. A obstinada resistência oposta às tropas federalistas na cidade de Lapa frustrou as pretensões rebeldes de chegarem à capital da República.

A resistência da Lapa representou a contenção da revolução, cujos líderes constataram ser impossível investir contra o Rio de Janeiro, então Capital Federal.

APÓS A LAPA, NOVOS COMBATES

Depois do insucesso de cerco da lapa, os federalistas retraíram em três colunas, com uma junção prevista no sul de Santa Catarina na confluência dos rios Pelotas e do Peixe. O deslocamento foi extremamente penoso e acidentado, devido ao terreno e à dificuldade no transporte de feridos. No ponto de junção previsto, verificou-se que uma das colunas federalistas, a comandada por Juca Tigre, não chegara, tendo sido dispersada ainda no Paraná. Apesar do revés,



Gumercindo Saraiva reuniu as colunas restantes e prosseguiu com operações ofensivas enquanto retraía.

No dia 27 de junho de 1894, na localidade chamada Pulador, nas proximidades de Passo Fundo, cerca de 4.600 homens entraram em violento combate, o qual perdeu por mais de seis horas, com grande número de baixas nos dois lados, terminando com os beligerantes sem munição e lutando no corpo-a-corpo. Os legalistas contavam com cerca de 3 mil homens, entre os voluntários do senador Pinheiro Machado, liderados por seu irmão Salvador Pinheiro Machado, contra 1.600 revolucionários federalistas²¹. O saldo final de mortos e feridos é incerto, mas a maioria das fontes estima entre 800 a 1.000 mortos, destacando-se o fato de que não houve prisioneiros. Os sobreviventes de ambos os lados esconderam-se em matas próximas²².

Em seu retraimento para o sul, os federalistas receberam a adesão de aproximadamente uma centena de marinheiros liderados pelo almi-

rante Saldanha da Gama. Quase um ano depois, em 24 de junho de 1895, ocorreu o Combate de Campo Osório, travada entre os federalistas e as tropas legalistas na região setentrional do Brasil.

Fig. 4 – O general Hipólito Ribeiro, enviado pelo Governo federal, conseguiu sufocar com suas tropas a Revolução Federalista.



Fonte: *Revista Illustrada*, n. 659, 1893

Os rebeldes, comandados pelo almirante Luís Filipe de Saldanha da Gama, líder da Segunda Revolta da Armada, foram derrotados pelas tropas do general Hypolito Ribeiro (Fig. 5) em Campo Osório, em uma região próxima à fronteira com o Uruguai e ao norte do Rincão de Artigas, dentro do território muni-



cipal de Sant'Ana do Livramento, no Rio Grande do Sul. Junto aos federalistas, também lutaram marinheiros seguidores do almirante desde a Revolta da Armada. A batalha resultou na morte de Saldanha da Gama, um dos principais líderes dos federalistas, e resultou no enfraquecimento estrutural da revolução²³.

O general Gumercindo Saraiiva e seu exército marcharam pelos três estados do Sul do país, percorrendo mais de 3 mil km a cavalo, desde a saída de Jaguarão até o retorno ao Sul do Brasil.

No dia 10 de agosto de 1894, as tropas governistas da Divisão Norte alcançaram os revoltosos em sua marcha para o Sul, na localidade de Carovi. Na ocasião, o general maragato foi morto em uma emboscada, com um tiro no peito²⁴. Em uma guerra marcada pela brutalidade de ambos os lados, dois dias após seu sepultamento, no cemitério de Sagrado Antônio de Capuchinhos, hoje município de Itacurubi, seu corpo foi retirado da tumba sua cabeça foi decepada e carregada em um chapéu do gover-

nador Júlio de Castilhos. Posteriormente, seu corpo foi levado e sepultado no cemitério municipal de Santa Vitória do Palmar, na fronteira com o Uruguai, sem a cabeça²⁵.

TERCEIRA INVASÃO FEDERALISTA E O FIM DA REVOLUÇÃO

Com Gumercindo, morria a revolução. Em meados de 1895, deu-se a terceira grande invasão do Rio Grande do Sul, por 3.000 federalistas, sendo atacados e derrotados, em todas as partes, pelas tropas governistas. A solução para o conflito, entretanto, acabou sendo política, e não militar. Em 23 de agosto do mesmo ano, já sob a presidência de Prudente de Moraes, foi assinada em Piratini a ata de pacificação, oportunidade na qual o general Inocêncio Galvão de Queiroz, representante do Presidente da República, ajustou uma paz honrosa com o general João Nunes da Silva Tavares.



Durante a Revolução Federalista, foram realizadas operações militares de vulto, com a participação de grandes efetivos, além do emprego de ações de guerra irregular. Logo após o combate de Inhanduí, em 1893, diante do resultado inconclusivo e de verificar a incapacidade de vencer os legalistas com os meios mobilizados, o General Gumercindo Saraiva partiu para a prática da guerrilha, evitando combates decisivos, empreendendo uma guerra de movimento e procurando dispersar ou dividir as forças adversárias.

É possível verificar o sucesso dessas táticas por ocasião do cerco de Uruguaiana, quando os federalistas conseguiram sair da armadilha organizada pelos legalistas e, ao mesmo tempo, desorganizaram suas tropas. Outras táticas não convencionais foram empregadas. Durante o ataque federalista a Passo Fundo, em 1894, os rebeldes aproveitaram o vento favorável e atearam fogo na campina em que se encontravam os governistas, destruindo-lhes a munição e obrigando-os a recuar.

A preocupação em tirar vantagem dos recursos logísticos do inimigo também é observada por ocasião do combate de Cerro do Ouro, perto de São Gabriel, em agosto de 1894. Cerca de 2 mil maragatos, sob o comando de Gumercindo Saraiva, impuseram uma derrota definitiva a voluntários civis. Conforme Donato²⁶, com o custo de apenas doze baixas, os federalistas conseguiram capturar centenas de armas, 125.000 tiros de munição, carretas, provisões e até mulheres. Tática semelhante foi empregada durante o Cerco da Lapa, quando os maragatos privaram as tropas governistas de suas montarias, deixando-as sem transporte.

As tropas legalistas, por sua vez, chegaram a empregar, com eficiência, táticas defensivas já em desuso na Europa. Durante o ataque federalista a Passo Fundo, a infantaria governista utilizou a tática de formar o quadrado para defender-se da cavalaria rebelde. O dispositivo funcionou muito bem, provocando numerosas baixas



Fig. 5 – A Revolução Federalista foi marcada pela extrema violência, particularmente pela prática da degola, perpetrada tanto por maragatos, como por pica-paus. A única fotografia existente mostrando uma degola, pertencente à Biblioteca Nacional, revela o cabo legalista Sebastião Juvêncio prestes a degolar um maragato capturado em 1894, logo após combate em Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Biblioteca Nacional.

entre os atacantes e preservando a integridade da infantaria.

A REVOLUÇÃO DA DEGOLA

Aqui, especialmente, reside um episódio obscuro, ou, no mínimo, pouco explorado de nossa

História Militar. O movimento revolucionário interno, que assumiu característica de guerra civil, foi especialmente violento, e deixou pelo menos 10 mil mortos, além de inúmeros feridos. As decapitações de prisioneiros foram frequentes em ambos os lados, assumindo um caráter de vingança



(Fig. 5). O tenente-coronel maragato Adão Latorre²⁷ é há muito responsabilizado pelo massacre de 300 "pica-paus" que se tornaram seus prisioneiros às margens do Rio Negro, e mantidos em um adobe, uma espécie de curral de pedra para gado, denominado "Potreiro das Almas" (hoje, um bairro de Bagé).

No entanto, este fato é confrontado por alguns documentos históricos, como o diário do general maragato João Nunes da Silva Tavares, que menciona um total de 300 vítimas inimigas, incluindo mortos em combate e feridos. O general afirmou que os decapitados foram 23 "patriotas", membros da força provisória castelhana, todos assassinos conhecidos no Estado, por crimes contra os adeptos do federalismo, especialmente durante o cerco de Bagé, no final de 1892, pelas forças dos coronéis castilhistas Pedroso e Motta²⁸.

No dia 5 de abril, durante o Combate do Boi Preto, 250 maragatos foram massacrados em vingança em retaliação pelo massacre do Rio Negro. Na ocasião, o "pica-

pau" Cherengue rivalizou com Latorre no número de cortes na garganta realizados²⁹.

As atrocidades não se limitaram à degola. De acordo com Reverbel, o major Menandro, oficial legalista, foi preso em Curitiba por tropas federalistas após o cerco da Lapa, onde combatera. Foi obrigado a cavar sua própria sepultura e, em seguida, teve suas mãos decepadas. Na sequência, foi degolado, jarretado como "boi de açougue" e atirado na cova, cova, juntamente com pedaços de outros cadáveres republicanos³⁰.

A morte do Barão do Serro Azul, Ildefonso Pereira Correia, que apoiava mas não combatia pela causa federalista, e de mais cinco de seus companheiros, também foi um exemplo da violência extrema do conflito. Acordados no meio da noite, foram colocados em um vagão de carga e fuzilados pelas tropas legalistas no quilômetro 65 da linha ferroviária que liga Curitiba a Paranaguá³¹.

Revestida de elevado grau de crueldade, em uma degola geralmente a vítima tinha seus pés e



mão amarrados, era colocada de joelhos e tinha sua cabeça inclinada para trás, expondo a garganta, que era cortada de uma vez, “de orelha a orelha”, para uma morte rápida, ou apenas com dois pequenos cortes nas artérias carótidas, quando se pretendia que o executado morresse em sofrimento prolongado, e não de uma vez.

A prática era acompanhada, frequentes vezes, por humilhações, incluindo, em alguns casos, a castração da vítima, antes de sua execução. Tal comportamento pode ser associado aos ressentimentos acumulados por décadas; às tarefas comuns na campanha gaúcha, que envolviam o abate do gado; bem como ao estilo de vida rude. De qualquer forma, a prática da degola marcou a Revolução Federalista. O extremo grau de violência dificultou, até mesmo, a pesquisa acerca do movimento, na medida em que foi considerado uma forma de tabu nas lides acadêmicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolução Federalista trouxe ao Brasil e, em particular, ao Sul do país, importantes consequências. A derrota dos maragatos afirmou a supremacia republicana, inaugurando no Rio Grande do Sul um clima de aparente estabilidade com a hegemonia do PRR, mas com latente crise que voltaria em nova revolta, em 1923. Ainda no Rio Grande do Sul, o castilhismo consolidou-se como corrente política que influenciou o estado por quase quatro décadas.

A revolução provocou incalculáveis prejuízos materiais e grande quantidade de perda de vidas, traumatizando a sociedade riograndense por muitos anos. Os ressentimentos e antagonismos entre grupos políticos e sociais não foram eliminados, pelo contrário, aumentaram com a violência praticada. No cenário nacional, o regime republicano venceu seu primeiro desafio, ainda que com o uso da força e de todo aparato político-militar do Brasil.



O resultado da Revolução Federalista contribuiu diretamente para a consolidação da República. O custo em vidas e o grau de violência, porém, foi muito alto, o que levou Glauco Carneiro, em sua *História das revoluções brasileiras*³², a nomeá-la como “guerra maldita”.

De qualquer forma, sob o espectro da guerra, estava inaugurada a República brasileira, a qual teria que enfrentar, ainda, muitos conflitos internos até sua efetiva implantação.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves. Revolução Federalista. *Atlas Histórico do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, [s./d.].

AXT, Gunter (Org.). *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2011.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.

CALDAS, Honorato. *Apoteose do almirante Saldanha da Gama*. Rio

de Janeiro: Tipografia e Papelaria de Alex Villela, 1896.

CARNEIRO, David. *O Paraná e a Revolução Federalista*. Curitiba: Indústria Gráfica Gonçalves, 1982.

CARNEIRO, Glauco. *História das revoluções brasileiras*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIAS, Cléber Eduardo. O cerco de Bagé. *Jornal Minuano*, Bagé, 3 set. 2013.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1987.

FONTTES, Carlos. O filho ilustre de Canguçu, general Hipólito Pinto Ribeiro. *Academia Canguçuense de História*, nov. 2010. Disponível em <<http://acandhis.blogspot.com/2010/11/o-filho-ilustre-de-cangucu-general.html>>. Acesso em 10 out. 2023.

FROTA, Guilherme de Andréa. *Quinhentos anos de história do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.



GOYCOCHEA, Luiz Felipe Castilhos. *Gumercindo Saraiva na guerra dos Maragatos*. Rio de Janeiro: Editora Alba, 1943.

LACERDA, Francisco Brito. *Cerco da Lapa: do começo ao fim*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

LOPES, Raimundo Hélio. *Joca Tavares*. CPDOC/FGV. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TAVARES,%20Joca.pdf>>. Acesso em 10 out. 2023.

MEDEIROS, Rostand. Pinheiro Machado: o chefe secreto da República Velha. *Tok de História*, 28 nov. 2018. Disponível em <<https://tokdehistoria.com.br/tag/batalha-de-passo-fundo/>>. Acesso em 10 out. 2023.

PÉREZ, Laureano Manuel. *Los maragatos: origen, mitos y realidades*. León: Universidad de León, 2003.

PESAVENTO, Sandra. *A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul: a trajetória do parlamento gaúcho*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1992.

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ. *Revolução Federalista*. Disponível em <<https://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Revolucao-Federalista>>. Acesso em 10 out. 2023.

REVERBEL, Carlos Eduardo Dieder. *A revolução federalista e o ideário parlamentarista*. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-21012015-085452/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, Cyro. *Pinheiro Machado*. Rio de Janeiro: Livraria Tupã Editora, 1951.

SILVEIRA, Mauro Cesar. Livro-reportagem reconta a vida de Latorre, notório degolador da Revolução Federalista. *Jornalismo e História*, Sevilha, 10 mar. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PASSO FUNDO. *Exposição no MHR Capítulos da História de Passo Fundo Parte II: Revolta Federalista (1893-1895) na região*, 22 jul. 2016. Disponível em <<https://www.upf.br/noticia/exposicao-no-mhr-capitulos-da-historia-de-passo-fundo-parte-ii-revolta>>.



federalista-1893-1895-na-regiao>.
Acesso em 10 out. 2023.

VILLALBA, Epaminondas. *A Revolta da Armada de 6 de setembro de 1893*. Rio de Janeiro/São Paulo: Laemmert & Co., 1897.

¹ FROTA, Guilherme de Andréa. *Quinhentos anos de história do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000, p. 488-489.

² PÉREZ, Laureano Manuel. *Los maragatos: origen, mitos y realidades*. León: Universidad de León, 2003.

³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PASSO FUNDO. *Exposição no MHR Capítulos da História de Passo Fundo Parte II: Revolta Federalista (1893-1895) na região*, 22 jul. 2016. Disponível em <<https://www.upf.br/noticia/exposicao-no-mhr-capitulos-da-historia-de-passo-fundo-parte-ii-revolta-federalista-1893-1895-na-regiao>>. Acesso em 10 out. 2023.

⁴ Ibid.

⁵ PESAVENTO, Sandra. *A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul: a trajetória do parlamento gaúcho*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1992.

⁶ CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁷ AXT, Gunter (Org.). *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2011.

⁸ LOPES, Raimundo Helio. *Joca Tavares*. CPDOC/FGV. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TAVARES,%20Joca.pdf>>. Acesso em 10 out. 2023.

⁹ ABREU, Alzira Alves. *Revolução Federalista. Atlas Histórico do Brasil*. Rio de Janeiro; FGV/CPDOC, [s./d.].

¹⁰ FONTTES, Carlos. *O filho ilustre de Canguçu, general Hipólito Pinto Ribeiro. Academia Canguçuense de História*, nov. 2010. Disponível em <<http://acandhis.blogspot.com/2010/11/o-filho-ilustre-de-cangucu-general.html>>. Acesso em 10 out. 2023.

¹¹ SILVA, Cyro. *Pinheiro Machado*. Rio de Janeiro: Livraria Tupã Editora, 1951.

¹² DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1987.

¹³ Ibid.

¹⁴ DIAS, Cléber Eduardo. *O cerco de Bagé. Jornal Minuano, Bagé*, 3 set. 2013.



¹⁵ Ibid.

¹⁶ VILLALBA, Epaminondas. *A Revolta da Armada de 6 de setembro de 1893*. Rio de Janeiro/São Paulo: Laemmert & Co., 1897.

¹⁷ POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ. *Revolução Federalista*. Disponível em <<https://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Revolucao-Federalista>>. Acesso em 10 out. 2023.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ LACERDA, Francisco Brito. *Cerco da Lapa: do começo ao fim*. Curitiba: Litero-Técnica, 1985.

²⁰ DONATO, op.cit.

²¹ MEDEIROS, Rostand. Pinheiro Machado: o chefe secreto da República Velha. *Tok de História*, 28 nov. 2018. Disponível em <<https://tokdehistoria.com.br/tag/bat-alha-de-passo-fundo/>>. Acesso em 10 out. 2023.

²² Ibid.

²³ CALDAS, Honorato. *Apoteose do almirante Saldanha da Gama*. Rio de Janeiro: Tipografia e Papelaria de Alex Villela, 1896.

²⁴ GOYCOCHEA, Luiz Felipe Castilhos. *Gumercindo Saraiva na guerra dos Maragatos*. Rio de Janeiro: Editora Alba, 1943.

²⁵ Ibid.

²⁶ DONATO, op.cit.

²⁷ SILVEIRA, Mauro Cesar. Livro-reportagem reconta a vida de Latorre, notório degolador da Revolução Federalista. *Jornalismo e História*, Sevilha, 10 mar. 2010.

²⁸ Ibid.

²⁹ BARBOSA, Fidélis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.

³⁰ REVERBEL, Carlos Eduardo Dieder. *A revolução federalista e o ideário parlamentarista*. 2014. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-21012015-085452/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

³¹ CARNEIRO, David. *O Paraná e a Revolução Federalista*. Curitiba: Indústria Gráfica Gonçalves, 1982.

³² CARNEIRO, Glauco. *História das revoluções brasileiras*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.